

# Ídolos. Olhares milenares. O Estado da Arte em Portugal

Faculdade de Letras da Universidade do Porto | 02 de março 2022  
Apresentação do livro<sup>1</sup>

---

Maria de Jesus Sanches<sup>2</sup>

Agradeço o convite para apresentar este livro e começo por felicitar os organizadores da Exposição Internacional Temporária **Ídolos. Olhares Milenares**, e os Coordenadores Científicos da Exposição e do Livro, Professora Primitiva Bueno Ramirez, da Universidade de Alcalá de Henares, e Doutor Jorge Soler Díaz, do Museo Arqueológico Provincial de Alicante.

Na realidade, a Exposição em apreço teve o prémio de ter dois livros, e dois Catálogos com textos, formato e capa diferentes uns dos outros. Um primeiro, editado em Espanha e totalmente em espanhol, com o título **Ídolos. Miradas Milenarias**; e um segundo, editado em Portugal, com o título: **Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal**, sendo deste último que aqui tenho a honra de fazer uma curta apresentação. Este foi editado já em outubro de 2021.

Devo felicitar igualmente o Museu Nacional de Arqueologia e toda a sua equipa, aqui representada pelo seu Diretor, o Dr. António Carvalho, que levaram a bom termo a tradução de alguns textos e a coedição. E também Imprensa Nacional Casa da Moeda, que aqui nos brinda com a presença do Dr. Duarte Azinheira que sei ser um entusiasta editorial de cultura, não fosse ele o Diretor da Unidade de Edição e Cultura da Imprensa Nacional.

Vamos ao livro em si.

O conteúdo do livro faz jus ao título. **Ídolos. Olhares Milenares. O Estado da Arte em Portugal**, sendo que o título joga com a semântica dos “olhares” que nos espreitam, nalguns locais desde os meados do 6.º milénio Antes de Cristo, vindo expresso sobretudo nas estatuetas ou outros artefactos providos de olhos, face ou tatuagens faciais; ou em indumentárias diversas. E joga com os olhares ou observações com que nós, no Presente, procuramos interceptar esse mundo do Passado que se tem mostrado cada vez mais rico e heterogéneo, tanto nos seus contextos aparentemente ordinários da vida rotineira como, sobretudo, naqueles mais extraordinários. É caso para citar aqui uma frase do texto de

---

<sup>1</sup> Apresentação integrada nas Comemorações dos 25 anos do DCTP-Departamento de Ciências e Técnicas do Património. Foi apresentado em direto e transmitida simultaneamente, via zoom, através do seguinte [link](https://videoconf-colibri.zoom.us/j/89778161966): <https://videoconf-colibri.zoom.us/j/89778161966>

<sup>2</sup> Professora da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e investigadora do CITCEM.

abertura de livro de P. Bueno e Jorge Soler, que é uma excelente abordagem de síntese sobre este tema peninsular “No seu conjunto, as figurinhas ibéricas demonstram uma variedade única em suportes e formas, além de um código específico [*relacionado com a representação solar*] que as singulariza relativamente ao resto dos casos europeus.”... “Emocionarmo-nos com elas faz parte do reconhecimento das longínquas raízes da nossa própria cultura que, com este acervo, mostra partilhar símbolos e modos de expressar esse passado ancestral em todo o território ibérico”. [p. 30. P. Bueno Ramirez e Jorge A. Soler Díaz – *Relatos de imagens solares na Pré-história recente do Ocidente Ibérico. Reflexões a partir do projeto científico, expositivo e divulgativo Ídolos. Olhares Milenares*, pp. 25-51.].

Esta especificidade peninsular é também o mote para o subtítulo — *O Estado da Arte em Portugal* —, que aqui é entendida também na sua duplicidade não só interpretativa, mas ontológica, de arte e ciência. Ou seja, em primeiro lugar, os textos atualizam o conhecimento sobre este tipo de formas escultóricas em vários suportes, ou representações gravadas e pintadas em contextos ditos mais rupestres— as tais versões móveis e fixas da arte esquemática pré-histórica cuja cronologia arranca do 6.º milénio Antes de Cristo, mas que têm uma expressão mais marcante no final do 4.º e durante todo o 3.º milénio Antes de Cristo. E, em segundo lugar, destacam o território que é hoje Portugal pois, à parte o texto introdutório, de Primitiva Bueno e Jorge Soler, onde se enfatiza a Península Ibérica como sendo um pequeno continente dotado de marcada identidade cultural no que respeita a estas formas, este livro incide exclusivamente em artefactos, sítios e regiões portuguesas.

Todo o livro está redigido de modo muito claro e acessível para leigos que tenham curiosidade e alguns conhecimentos históricos, ou seja, sem deixar de ser extraordinariamente rigoroso, não é um livro destinado exclusivamente a especialistas. Constitui-se assim como um excelente exemplo de transferência de conhecimento.

Fazem parte do livro 16 textos, sendo que 14 de entre eles podem ser considerados mais “científicos”, se atentarmos à investigação arqueológica de fundo que lhes serve de suporte. Os dois últimos textos versam os projetos expositivos e museográficos dos locais que albergaram a exposição. No penúltimo texto, da autoria de Primitiva Bueno e Jorge Soler, temos os projetos expositivos do Museo Arqueológico de Alicante, do Museo Arqueológico Regional de Madrid (em Alcalá de Henares) e do Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa. No último, da autoria de Angel Rocamora Ruiz, o Projeto museográfico temporário no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa), e que irá ser apresentado aqui em pormenor pelo Dr. António Carvalho, Diretor daquele Museu.

Como a maioria dos presentes tem conhecimento, estudo a Pré-história peninsular, leciono aqui na Faculdade de Letras do Porto, em particular a Pré-história recente, e escrevi, a convite, e em coautoria

com 3 investigadores — mais concretamente, estudantes de Doutoramento e de Mestrado, Joana C. Teixeira, Helena Barbosa, no primeiro caso, e João Perpétuo, no segundo — o único texto deste livro que versa o Norte de Portugal e Baixa Bacia do Douro. Mas nem por esse motivo me sinto tranquila na apresentação das matérias do livro pois temo correr o risco de entrar em pormenores desnecessários a uma apresentação que aqui se pretende muito abrangente, se atentarmos até no tempo de que disponho para falar. Mesmo assim, passo a destacar algumas das características e ideias mestras dos conteúdos produzidos e dos respetivos autores.

Se verificarmos o mapa da distribuição geográfica destas diferentes formas escultóricas, na maioria dos casos miniaturizadas — que evocam ou recriam humanos, seres não-humanos ou entidades diversas —, em diferentes suportes — como madeira, argila crua e cozida, osso, ouro, ovo de avestruz, e principalmente, rochas e minerais, como sejam o calcário, mármore, xisto, granito —, verificamos, sem margem para dúvidas, que é no Sul e Sudoeste peninsular que terá existido uma maior atividade social e ritualística relacionada com as práticas comunitárias que usaram tais expressões plásticas. No território português, a Estremadura, Ribatejo, Alentejo, e Algarve merecem particular realce, o que já havia sido notado desde o final do século XIX e inícios do XX. Porém, a investigação das últimas 5 décadas tem vindo a mostrar que estas regiões se assumem como focos criativos muito peculiares, influenciadores, através de diversos mecanismos sociais e de interação extracomunitária, não somente o Centro e Norte da Península Ibérica, como o sul de França. Na realidade, a cronologia destas formas escultóricas ou rupestres coincide com o início (e, igualmente, incremento) da economia agro-pastoril e o desenvolvimento socioeconómico e político destas mesmas sociedades agro-pastoris que, no livro, são denominadas de “sociedades camponesas”, que se desenvolvem durante o Neolítico e Calcolítico. Como sabemos, a denominação de “sociedades camponesas”, em Portugal, é quase exclusivamente assumida por investigadores da Universidade de Lisboa, sendo que na Universidade do Porto e, por sinal, na do Minho e Coimbra, não se utiliza tal conceito por razões que não cabe aqui desenvolver<sup>3</sup>. Preferimos a denominação genérica de sociedades do Neolítico Médio-Final e do Calcolítico, com maior ou menor desenvolvimento do sistema agro-pastoril e diversas formas de artesanaria, política e ideologicamente inseridas em sistemas de parentesco muito desiguais. As formas e contextos arqueológicos das “peças” que são objeto deste livro são consideradas, nuns textos de forma explícita, noutros de forma implícita, agentes de manutenção e transformação ideológica e sociopolítica, e não meros símbolos comunicativos (estáticos).

---

<sup>3</sup> [Nota acrescentada para publicação] Justificou-se esta distinção pelo público presente, sendo a maioria estudantes, e pelo repetido uso nesta obra da terminologia “sociedades camponesas”, sem que os leitores possam entender se a tal denominação que agrupa essas comunidades é de ordem técnica/instrumental (estratégias de subsistência/componentes da produção e sua escala), ou de economia política (gestão da produção e sistemas sociais implicados), ou de ambas.

Se a totalidade dos 14 textos presta o justo tributo aos investigadores que durante a segunda metade do séc. XIX e primeira metade do século XX contribuíram para revelar estas peças, fixar a sua denominação e discutir contextos e interpretações, devemos destacar, pela sua pertinência para a História da Arqueologia da Pré-história em Portugal e em Espanha, dois textos: o de Ana Catarina Sousa *Recuperando contextos e interpretações de ídolos nas antigas sociedades camponesas do Centro e Sul de Portugal: o Arquivo dos Leisner e os Arquivos Históricos da Arqueologia Portuguesa*; e o de Andrea Martins, Mariana Diniz, César Neves e José Arnaud *O simbólico em Vila Nova de São Pedro: ídolos, estatuetas e simbologia*.

Devemos acrescentar aqui que dos milhares de peças conhecidas, a larga maioria provém de escavações antigas em que os métodos de recolha e registo estão muito longe de responder aos questionários históricos e antropológicos do presente. Daí a importância deste livro, que articula o antigo com os dados e interpretações pós anos 70 do séc. XX.

Estudos aturados sobre placas de xisto e báculos estão principalmente em textos de João Luis Cardoso e Vítor Gonçalves. Grandes descobertas e novidades das últimas décadas, que de certo modo tem revolucionado a Arqueologia portuguesa, como disse, foram recuperados tanto de contextos mais ordinários, ou domésticos, vulgo, povoados, como, mais especiais, ou seja, enquadrados em práticas mais extraordinárias, como as dos recintos de fossos, monumentos megalíticos, grutas funerárias, *tholoi*. São seus autores, António Faustino de Carvalho, António Valera, Rui Parreira e Helena Morán. Estudos mais transversais, cruzando, em regiões geográficas específicas a plástica da escultura de pequeno porte (seja qual seja), a decoração dos esteios dos dólmenes, as cerâmicas e a arte rupestre, encontra-se sobretudo no texto de que sou coautora juntamente com Joana Teixeira, Helena Barbosa e João Perpétuo; mas também naquele escrito por Jorge Oliveira, ou até por Leonor Rocha. Por sua vez, os autores Marco António Andrade, Catarina Costeira e Rui Mataloto preferem valorizar, justamente, a presença de ídolos e figurinhas nos contextos habitacionais do Sudoeste Peninsular, valorizando, justamente, contextos da vida mais rotineira.

Inerente a todos os textos estão perspetivas de povoamento, de relações sociais, de complexificação sociopolítica e ideológica que esta curta apresentação não pretende sequer almejar mostrar ou discutir.

Contudo, este livro é já um marco na Arqueologia portuguesa pois nele se verificam três características que há que destacar. A primeira é a de que junta, por vezes na redação do mesmo texto, investigadores de gerações muito distintas— por vezes os professores, os seus alunos e os alunos destes alunos! A segunda é a de que revela uma clara renovação metodológica e teórica. A terceira deve-se, sejamos justos, à visão de Primitiva Bueno ao assumir que o Norte de Portugal (aqui estendido à bacia do Douro)

detinha conhecimentos e peças que mereciam entrar por direito próprio tanto na Exposição como no Livro *Ídolos. Olhares Milenares*. Lamentamos, contudo, que a região Centro (particularmente “as Beiras”) esteja ausente do livro pois tem investigação suficientemente desenvolvida para se mostrar não somente como ativa na rede de povoamento que liga o Sul ao Norte, como para se destacar com o seu muito peculiar percurso pré-histórico durante o Neolítico e o Calcolítico.

Muito obrigada a todos.